

**Educação Ambiental Crítica na escola: um olhar a partir do Estágio
Supervisionado**

Critical Environmental Education at school: a look from the Supervised Internship

Educación Ambiental Crítica en la escuela: una mirada desde la Pasantía Supervisada

Julia Amorim Monteiro

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental - PPGECA
Universidade Federal de Lavras.
juliaamonteiro9@gmail.com

Carolina de Souza Oliveira

Mestranda, UFLA, Brasil
carolina.oliveira@estudante.ufla.br

Marina Battistetti Festozo

Professora Doutora, UFLA, Brasil
marina.festozo@ufla.br

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar parte de uma pesquisa desenvolvida coletivamente durante o Estágio Supervisionado III do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras que investigou as concepções de estudantes do ensino médio sobre o ambiente escolar e a influência do ambiente externo na dinâmica escolar, assim como analisar a intervenção feita por meio de uma regência, buscando contribuir para uma leitura de ambiente mais aprofundada. Para essa pesquisa de cunho qualitativo, foram utilizados os dados de uma das escolas acompanhadas, esses coletados através de observação e de um questionário. Para analisar as respostas dos estudantes, utilizamos a análise de conteúdo, mais especificamente, a categorização de ideias comuns. Após a análise, foi possível perceber que os estudantes possuem uma visão fragmentada e não crítica do ambiente, além de não conseguirem relacionar o impacto do meio externo na escola. Além disso, a intervenção feita por meio da regência buscou contribuir para uma análise mais elaborada e profunda da realidade. Diante dos dados e das reflexões, destacamos a importância de se trabalhar com uma educação ambiental que ultrapasse uma visão simplista e enxergue o ser humano inserido na natureza. Ademais, evidencia-se a importância de os professores serem formados em uma concepção mais crítica de educação e de ambiente para que a mesma seja refletida em suas práticas pedagógicas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de professores. Educação Ambiental Crítica. Percepção ambiental.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze part of a research collectively developed during Supervised Internship III of the Biological Sciences degree course at the Federal University of Lavras that investigated the conceptions of high school students about the school environment and the influence of the external environment on the dynamics school, as well as analyzing an intervention, a class taught by the intern, seeking to contribute to a more in-depth reading of the environment. For this qualitative research, data from one of the monitored schools were used, which were collected through observation and a questionnaire. To analyze student responses, we used content analysis, more specifically, the categorization of common ideas. After the analysis, it was possible to notice that students have a fragmented and non-critical view of the environment, in addition to not being able to relate the impact of the external environment at school. Besides that, the intervention sought to contribute with a more elaborate and profound analysis of reality. Given the data and reflections, we highlight the importance of working with an environmental education that goes beyond a simplistic vision and sees the human being inserted in nature. In addition, it is evident the importance of teachers being trained in a more critical conception of education and environment so that it is reflected in their pedagogical practices.

KEYWORDS: Teacher training. Critical Environmental Education. Environmental perception

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es analizar parte de una investigación desarrollada colectivamente durante la pasantía supervisada III del curso de Ciencias Biológicas en la Universidad Federal de Lavras que investigó las concepciones de los estudiantes de secundaria sobre el entorno escolar y la influencia del entorno externo en la dinámica. escuela, además de analizar la intervención realizada por un conductor, buscando contribuir a una lectura más profunda del entorno. Para esta investigación cualitativa, se utilizaron datos de una de las escuelas monitoreadas, que se recopilaban mediante observación y un cuestionario. Para analizar las respuestas de los estudiantes, utilizamos el análisis de contenido, más específicamente, la categorización de ideas comunes. Después del análisis, fue posible notar que los estudiantes tienen una visión fragmentada y no crítica del entorno, además de no poder relacionar el impacto del entorno externo en la escuela. Además, la intervención realizada a través de la regencia contribuyó a un análisis más elaborado y profundo de la realidad. Dados los datos y las reflexiones, destacamos la importancia de trabajar con una educación ambiental que va más allá de una visión simplista y ve al ser humano insertado en la naturaleza. Además, es evidente la importancia de capacitar a los docentes en una concepción más crítica de la educación y el medio ambiente para que se refleje en sus prácticas pedagógicas.

PALABRAS CLAVE: Formación del profesorado. Educación ambiental crítica. Percepción ambiental

1 INTRODUÇÃO

A primeira leitura que os sujeitos fazem, mesmo antes de aprender as primeiras letras, é a leitura do ambiente, carregada de “percepções que vão adquirindo significados e cuja compreensão vamos aprendendo através das relações sociais, primeiro, no universo restrito da casa e da família e, posteriormente, em outras relações sociais que vamos estabelecendo” (MEYER, 1991 p.42).

Todas as funções psíquicas humanas como atenção, memória, linguagem, emoções e sensações são aprendidas na relação do indivíduo com o meio externo e com a cultura em que está inserido, inclusive a forma como o ambiente é percebido. Neste sentido, a leitura que os sujeitos fazem de ambiente é limitada, variável de acordo com a cultura e construída por questões sociais externas a ele (MARTINS, 2012).

Assim, há diferentes concepções e compreensões sobre o que significa e engloba o meio ambiente. Dentre essas concepções, o que se vê é que esse ambiente muitas vezes não é compreendido de forma crítica pelas pessoas, é tratado de forma simplificada como tudo aquilo que é natural, que é verde e que é intocado no que diz respeito às ações humanas. Nessa concepção de ambiente como algo natural e intocado, dissocia sociedade e natureza, indivíduo e sociedade e faz com que haja uma fragmentação da compreensão de ambiente (LOUREIRO; TOZONI-REIS, 2016).

Considerando que a percepção ambiental é construída, mediada pela cultura, tal percepção também pode ser revista, transformada, por meio de uma construção social, e apreendida pelos sujeitos pela educação. Assim, é necessário que sejam acessíveis aos sujeitos discussões contextualizadas e críticas, de forma a possibilitar que as pessoas ampliem seus horizontes, possibilitando-lhes enxergar além daquilo que é posto pelo sistema capitalista que, inclusive, tem interesse que essa visão continue fragmentada.

É importante, assim, considerar que as severas transformações feitas no meio ambiente são oriundas de uma determinada forma de produzir a vida em nossa sociedade, sociedade esta dividida em classes, em que nem todos têm as mesmas possibilidades de decisão. Esta lógica de organização social, o capitalismo, tem como objetivo último o acúmulo de capital (como está explícito em seu nome) privado, possibilitado a partir da exploração e alienação tanto dos seres humanos quanto da natureza. Ou seja, sob a lógica do capital, a exploração das grandes fontes de riqueza, a terra e a força do trabalho humano, não são erros a serem corrigidos, são condição para reprodução e legitimação do capital. Trein (2012) aponta que para superar tal modelo é necessária uma mudança radical, uma nova forma de ser e ver o mundo a fim de enxergá-lo para além do que os olhos mostram, percebendo as relações e como essas afetam e nos fazem ser afetados pelas transformações feitas no ambiente.

Esses pressupostos nos ajudam a compreender que o meio ambiente é todo o espaço, natural ou antropizado, cujas relações se estabelecem por meio do trabalho e que, por isso, está constantemente sendo transformado e, conseqüentemente, transformando os sujeitos. Além disso, esse ambiente é abrigo de todos os seres que habitam esse planeta, é palco da luta de classes e, cabe a nós entendê-lo de forma crítica para estarmos aptos a transformá-lo (MEYER, 1992).

A educação tem papel importante na compreensão crítica do ambiente e pode fazê-lo aliando a ciência e a arte, uma vez que, apesar de abordarem diferentes campos do conhecimento, ambas são resultadas da ação humana no ambiente e de como o ser humano se coloca nele (NASCIMENTO JÚNIOR, 2009). A arte, mais do que representar e trazer ao conhecimento questões da realidade material, permite que sejam feitas elaborações que vão para além do material, contribuindo, portanto, para maior conhecimento da realidade e também para maior desenvolvimento do psiquismo humano (BARROCO, 2014).

Diante desse contexto, o Estágio Supervisionado (ES) III do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras – MG trouxe a discussão sobre o ambiente e a sua percepção por meio da arte, mais especificamente a partir de pinturas da Tarsila do Amaral, que tornou possível a problematização das visões e compreensões de ambiente que é possível abordar a partir delas. É interessante pensar que devido à escassez do contato da sociedade com a arte não alienada, seja pela falta de incentivo, pela falta de recursos ou de eventos culturais, todos imersos num contexto de grande poderio da indústria cultural, se faz importante levar essa expressão às salas de aula, para aproximar os estudantes dessa linguagem e com isso possibilitar que sejam capazes de perceberem sua realidade através de outras lentes.

Assim, utilizar a leitura de imagens artísticas propicia a exaltação daqueles que as leem, pois essa leitura estará atrelada também à vida cotidiana e a história do indivíduo, facilitando ao leitor olhar para a realidade de maneira mais ampla e se reconhecer como parte dela e, com isso, se tornar capaz de percebê-la de forma crítica (SANTANA; LEBRÃO; NOGUEIRA, 2010). Ainda, a arte torna possível uma reflexão sobre o meio ambiente, uma vez que ela é uma produção humana que pode revelar questões sobre o contexto que estão inseridos os artistas, trazendo muitas vezes protestos e críticas (OLIVEIRA; SILVA; FESTOZO, 2018).

Diante dessas questões que foram discutidas nas reuniões de estágio, pudemos adentrar as escolas com outro olhar em relação ao ambiente escolar e nos indagar como este é usado, transformado e entendido pelas pessoas que o compõe.

O estágio, além de ser uma atividade fundamental para aliar teoria e prática nos cursos de licenciatura, podendo assim contribuir para a construção da práxis docente (PIMENTA, 2013), deve ser visto como forma de intervenção na realidade escolar, já que nesse momento é possível perceber as contradições existentes na sociedade e que são refletidas e refratadas na escola. Para tal, o estágio como pesquisa vem como possibilidade de construir uma visão articulada de futuro professor-pesquisador, que tenha uma visão crítica de educação e do papel que essa possui perante a sociedade (OLIVEIRA, 2008). Ainda, a mesma autora aponta a importância de estruturar o estágio como pesquisa, uma vez que assim é possível fazer uma análise teórica dos contextos nos quais as escolas estão inseridas e que os estagiários possuem contato através do estágio (OLIVEIRA, 2008).

Diante dessas considerações, o ES incentivou que os estagiários, em diferentes escolas estaduais do município de Lavras – MG, buscassem compreender o ambiente escolar em seus múltiplos fatores, parte destes esforços é apresentada neste trabalho cujo objetivo é apresentar, discutir e analisar parte de uma pesquisa desenvolvida coletivamente durante o Estágio Supervisionado (ES) III do curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Lavras que investigou as concepções de estudantes do ensino médio sobre ambiente escolar e a influência

do ambiente externo na dinâmica escolar, assim como analisar a intervenção feita por meio de uma regência, buscando contribuir para uma leitura de ambiente mais aprofundada.

2 METODOLOGIA

Esse estágio corresponde ao terceiro estágio supervisionado da Universidade Federal de Lavras, o qual tem como objetivo central compreender o ambiente, e mais especificamente, o ambiente escolar em sua relação com a comunidade, com fins de ampliação da visão e formação do futuro professor. Para tal, ele foi dividido entre reuniões na Universidade para estudo e discussão sobre as questões vivenciadas na escola, e, além disso, para discussões teóricas acerca do objetivo central do ES.

Para alcançar o objetivo, foi proposta a construção de uma pesquisa coletiva, que de acordo com Paula, Queixas e Festozo (2019) almeja proporcionar situações em que os futuros docentes possam se desenvolver enquanto pesquisadores na área da educação, ao mesmo tempo em que busca-se compreender o ambiente escolar em sua totalidade, tendo como eixo central a Educação Ambiental Crítica.

Ainda, para que a compreensão do ambiente escolar se desse de forma mais abrangente foi discutido durante as reuniões na Universidade, sobre o mapeamento ambiental proposto por Meyer (1991), que se trata de um levantamento e registro da situação ambiental da escola em seus múltiplos aspectos: social, histórico, econômico, as relações humanas, as formas de organização, a relação com elementos naturais, dentre outros. Dessa forma, foi proposto que os estagiários observassem a escola de acordo as ideias de Meyer (1991). Essas observações serão tomadas como dados complementares a este trabalho. A observação é um método de coleta de dados que consiste na análise do contexto pelo pesquisador. As observações feitas são registradas para futura análise e interpretação. Nessa situação, apesar de o pesquisador buscar não interferir fortemente no contexto observado, este não é neutro à situação, mas está diretamente ligado ao campo de pesquisa, o modificando e sendo modificado por ele (TOZONI-REIS, 2009).

Além disso, esse estágio teve uma maior preocupação em inserir a arte tanto nas reuniões que aconteciam na universidade, assim como os estagiários eram incentivados a integrá-la em suas regências nas escolas. Ainda, as regências com temas da Biologia deveriam ter alguma relação com questões socioambientais, possibilitando o diálogo entre conteúdos curriculares e o tema transversal Meio Ambiente, como sugerido nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997) favorecendo a inserção da Educação Ambiental na formação dos estudantes, tanto os futuros professores como os da educação básica.

2.1 A PESQUISA

Para realização do trabalho foi utilizada a metodologia qualitativa, que se preocupa em analisar e interpretar os focos de estudo, e não apenas em descrevê-los (TOZONI-REIS, 2009). A pesquisa como exposta anteriormente, surgiu da necessidade de compreender o ambiente escolar e seu entorno. Coletivamente, os estagiários decidiram que fariam isso a partir da visão que os estudantes possuem do ambiente escolar e, além disso, que seriam entrevistados funcionários antigos da escola para entender esse ambiente na história. A pesquisa trouxe bastante

informações importantes, mas neste trabalho, traremos um recorte da pesquisa, sendo analisadas apenas as duas primeiras questões, que serão explicitadas a seguir.

1) Descreva o Ambiente Escolar e seu entorno.

2) Você acha que o ambiente externo influencia o que acontece dentro da escola? Se sim, como?

O questionário foi aplicado em duas turmas do primeiro ano do ensino médio, sendo a primeira turma com 26 entrevistados e a segunda com 15. Eles responderam às perguntas de forma escrita e as respostas foram analisadas posteriormente, partir da análise de conteúdo, que leva em consideração o contexto político, econômico e cultural e permite a produção de ideias críticas e transformadoras (TOZONI-REIS, 2009).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação do ambiente escolar pela estagiária será descrita a seguir, bem como as respostas dos estudantes que posteriormente serão discutidas.

3.1 OBSERVAÇÃO DO AMBIENTE ESCOLAR PELA ESTAGIÁRIA

Ao adentrar a escola, é possível perceber um mundo que reflete a sociedade e deixa mais evidente as contradições do sistema e de nossa (des)organização social. O ambiente escolar reflete de forma clara como se dá a luta de classes, como o preconceito e a exploração está enraizado na vida das pessoas que, devido a diversos motivos, não tem contato com o conhecimento elaborado. Ou, ainda, pode até haver esse contato, mas pelo fato desse não ser efetivo, não conseguem perceber as problemáticas por trás das sutilezas – nem sempre tão sutis – do cotidiano escolar.

Foi possível observar que a escola está inserida em um contexto urbano, mais especificamente no centro da cidade e que isso impacta diretamente em como as relações e toda a dinâmica dentro desta se dá. Por estar inserida em um ambiente movimentado, a escola é o tempo todo contemplada com barulhos de automóveis que passam pela rua, pelas vozes das pessoas que caminham pela redondeza e que, mais ainda, os próprios estudantes dialogam com essas situações, de forma a desviar o olhar e a atenção dos processos de ensino e aprendizagem para o que acontece ao redor.

Outro ponto que salta aos olhos é que a escola não possui ambientes arborizados. Aliás, possui uma ou duas árvores, mas nada que torne possível que os estudantes durante o tempo que passam na escola tenham contato com a vegetação. Trata-se de local todo cimentado, com alguns pedaços de terra, subaproveitados para o plantio de espécies de plantas, que poderia ser utilizado inclusive como espaço de aprendizagem. Assim, os alunos ouvem falar sobre árvores, mas não tem árvores em seus cotidianos; metade do dia passam em um local que não possibilita esse encontro, tanto no ambiente interno da escola, quanto em suas redondezas.

Além de não haver ambientes arborizados, o ambiente escolar não conta com um local para a prática de esportes. O que se tem é um pátio, que se localiza no centro da escola e que, ao redor, estão a maioria das salas de aula. Isso, além de não ser um ambiente propício para a realização

de esportes, muitas vezes atrapalha a dinâmica das aulas que estão acontecendo simultaneamente durante as aulas de educação física.

Essas foram algumas das observações feitas durante o ES, que acabam por se relacionar com o que os alunos percebem, resultado da pesquisa que será apresentado e discutido a seguir. Para melhor organizar as ideias, a discussão acontecerá a partir de cada pergunta, tendo como balizadoras as respostas obtidas.

3.2 DESCRIÇÃO DO AMBIENTE PELOS ALUNOS

Após a análise das respostas referentes à primeira questão do questionário, foi possível perceber que, ao serem indagados sobre o ambiente escolar, os estudantes trouxeram diversos elementos passíveis de reflexão. Dentre eles, está o fato de que, apesar de não haver muitas árvores na escola, nenhum estudante mencionou essas ao descreverem o ambiente, provavelmente porque eles não veem a falta de árvores na escola como uma questão, um problema a ser mencionado.

Outro ponto é que, nenhum aluno, ao responder à pergunta, descreveu o ambiente que existe no entorno da escola. No entanto, 10 (dez) dentre 41 (quarenta e um) estudantes se remeteram ao barulho presente na escola, este que se dá pela localização em que o prédio se encontra: no centro da cidade, em uma rua movimentada. Ao mesmo tempo em que não descreveram o entorno, trouxeram esse elemento que torna possível compreender o que há ao redor da escola. Ainda, na descrição dos estudantes, 6 (seis) deles mencionaram as pessoas. Entende-se que eles perceberam que essas fazem parte do ambiente escolar e o transformam diariamente e por isso, as incluíram na descrição. 7 (sete) estudantes também apontaram a bagunça ao descrever o ambiente escolar. Essa bagunça é resultado das ações dos próprios alunos. É interessante que, ao citarem essa característica, estão fazendo uma autorreflexão, pois se incomodam com a bagunça que fazem juntamente com seus pares e que se aglomera na escola.

4 (quatro) citaram a prática dos professores ao descreverem o ambiente escolar, e isso nos remete a como esses os enxergam e a como os professores influenciam a visão que os estudantes possuem deles. Aqui pode-se refletir também sobre o fato de que, além dos estudantes entenderem as pessoas como parte do ambiente escolar, eles percebem a forma como essas agem como influenciadora nas relações que se dão nesse local.

Alguns apontaram o fato de não haver quadra de esportes como uma característica do ambiente escolar. Quanto isso influencia no cotidiano desses estudantes, visto que, por não ter quadra de esportes, as aulas de educação física se resumem a jogos de cartas? Não sabemos responder, mas percebemos que a maioria deles não ficam sentados sem realizar nenhuma atividade. Além disso, quando resolvem brincar ou jogar alguma coisa no pátio, são tolhidos por conta do barulho que surge dessa atividade, que atrapalha as salas que estão tendo aula. Apenas 2 (dois) alunos se remeteram à localização da escola ao descreverem o ambiente escolar e seu entorno. Isso deixa nítido que poucos estudantes estão atentos a como a localização influencia na dinâmica escolar.

Dadas às respostas, podemos perceber que os estudantes mostraram certa heterogeneidade na compreensão que possuem sobre a questão que foi colocada. Isso se deve em parte pelo fato de eles estarem e perceberem esse ambiente de maneiras diferentes, o que está relacionado as

suas realidades socioeconômicas e culturais e, conseqüentemente, participam das atividades escolares de diferentes modos. Dessa forma, é compreensível que diferentes visões sejam apresentadas sobre o que é e o que define um ambiente.

Diante do que foi posto até então a partir das respostas, é possível notar que existe uma cultura que é compartilhada entre os estudantes e que permeia a sociedade. Para entender tal afirmação, é necessário entender rapidamente o que é o ambiente escolar. A escola, juntamente com as relações que são estabelecidas com professores, alunos, funcionários, seu entorno e a comunidade caracterizam esse ambiente. Assim, ao falar em ambiente escolar, o que se tem é um aglomerado de processos que estão em contínua transformação, que são resultantes das relações que são estabelecidas nesse local aliados a fenômenos naturais (MEYER, 1991). Dessa forma, a concepção do ambiente escolar deve contemplar os grupos que o compõe, a história da escola, as condições econômicas, as culturas que estão presentes.

Nesse contexto, ao pedir aos estudantes de uma escola pública para descreverem o ambiente escolar, o que pode ser percebido é que possuem uma percepção fragmentada e não crítica de ambiente.

Os estudantes descreveram o ambiente escolar considerando que este é conformado por questões sociais, pois trouxeram elementos além do verde, o que pode ser verificado pelas categorias encontradas. Essa questão vai contra a visão homogênea que as pessoas possuem de ambiente, visto que é comum ao definir algo relacionado a isso, citarem a “natureza verde” e, por último, o ambiente construído. No entanto, tal descrição foi feita de forma fragmentada, não havendo conexão sobre como tais elementos se relacionam. Meyer (1991) discute que o ambiente nos passa despercebido ao passo que nos acostumamos a estar inseridos neste diariamente, de maneira a não reparar nas mudanças que ocorrem, deixando de lado a capacidade de observação e naturalizando a realidade ambiental.

Outro fator que pode influenciar nessa visão que os estudantes possuem sobre o ambiente, é o fato de que eles nunca foram ensinados a olhar para este de maneira crítica e contextualizada, já que comumente percebemos nos livros didáticos e até mesmo na prática de muitos professores, uma visão tradicional no que diz respeito a essa temática (MEYER, 1991). O que precisamos, portanto, de acordo com Tozoni-Reis (2003) é construir outra forma de ver a educação ambiental, onde essa seja entendida como dimensão da educação, como algo intencional e necessária da prática social que insira o homem na natureza e enxergue esta como resultado de um processo histórico.

3.3 COMO OS ALUNOS PERCEBEM INFLUÊNCIAS DO AMBIENTE EXTERNO NA ESCOLA

Ao serem indagados se o ambiente externo influencia dentro da escola, 20 (vinte) estudantes apontaram que o barulho da rua é o que mais influencia, visto que a escola está localizada ao lado de ruas muito movimentadas e que, por isso, o tempo todo há carros e pessoas passando, o que contribui para que haja uma poluição sonora um tanto quanto perturbadora. Outros 8 (oito) alunos apontaram que, quando há conflito com pessoas fora da escola, isso pode influenciar dentro dela, pois essas pessoas podem passar na frente do local e chamar atenção de quem está lá dentro. Por fim, 2 (dois) estudantes apontaram que as drogas são um problema existente fora da escola e que se faz presente dentro dela, afetando o cotidiano escolar.

Ao analisar os elementos que os alunos trouxeram, é possível perceber que, quando são indagados diretamente sobre o entorno escolar, os educandos se dão conta de algumas questões que influenciam dentro da escola, no entanto, essa influência é materializada predominantemente por meio do barulho. Isso fica claro quando a maioria dos estudantes se dirigiram ao barulho que há fora da escola e como esse atrapalha a dinâmica escolar.

A análise das falas dos estudantes reitera como a visão destes é fragmentada no que diz respeito ao ambiente. Isso fica claro pois nenhum deles citou, por exemplo, a política externa à escola que contribui para que haja merenda, materiais ou professores. Ou, sem precisar ir tão longe, como as comunidades que se estabelecem ao redor da escola, dizem muito sobre quem são os alunos que estão ali dentro.

Partindo desse contexto da discussão e tomando como referência a definição de Saviani (2005, p. 18) ao afirmar que “[...] a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”, pensando em uma escola que consiga formar os sujeitos para enfrentar as disputas sociais e políticas que surgem de uma sociedade como a nossa e, além disso, formar sujeitos que consigam ter uma visão holística da realidade, é necessário refletir sobre o projeto de sociedade em que vivemos, já que a formação dos estudantes se deve aos professores, que, de modo geral, tem uma formação baseada na reprodução de práticas tradicionais e em uma perspectiva de instrumentalização técnica (PIMENTA, 2005). Ou seja, é necessário quebrar essa cadeia e repensar a formação não só de professores, mas de seres humanos.

Assim, de acordo com Tozoni-Reis e Campos (2015), a educação tem como objetivo realizar esta tarefa de formação através de um processo de conscientização que significa conhecer e interpretar a realidade e atuar sobre ela, construindo-a. Com isso, esse processo educativo, ao construir o ser humano como, de fato, humano, (re)constrói a realidade na qual ele se objetiva como humano.

Nesse ponto é que entendemos a educação escolar como uma das formas (não é a única e muito menos é possível fazer isso sozinha) de lutar contra o esvaziamento da dimensão educativa dos processos educativos ambientais. Isso acontece, de acordo com Teixeira, Agudo e Tozoni-Reis (2017, p. 46) pois

A análise histórico-crítica sobre os interesses e as disputas ideológicas em torno das relações das sociedades com o ambiente traz à tona as contradições que estão no cerne da crise societária que enfrentamos na sociedade organizada sob o modo capitalista de produção e que exige outra forma de se produzir a vida em sociedade. É neste sentido que vemos a centralidade do papel que o professor assume no processo de inserção da educação ambiental no currículo escolar.

Assim, entendemos a educação como uma das formas de transformar o pensamento fragmentado e dominante acerca do ambiente, possibilitando assim, que os estudantes possam compreender que a escola é muito mais do que um lugar no qual eles passam algum tempo e que é bombardeada por barulho do ambiente externo. Pelo contrário, é relevante que professores e também alunos percebam a escola como um microcosmo social, um local que exprime as contradições existentes na sociedade, conformada por um conjunto de variáveis, que, como vimos, vai desde as pessoas que estão ali dentro, como as ruas que estão ao seu redor, mas também a história da escola, da cidade e de todo um projeto de país que a faz ser

como é. Ao entender que o ambiente vai muito além de alguma definição e/ou elementos que o compõe, os sujeitos poderão entender as raízes da crise ambiental, social e política que em “última instância, é uma crise sistêmica inerente ao modo de produção capitalista” (LOUREIRO; TOZONI-REIS, 2016, p. 69).

4 INTERVENÇÃO POR MEIO DA REGÊNCIA

Partindo da visão de ambiente escolar que os estudantes possuem que, como foi possível perceber, é fragmentada e descontextualizada, já que eles trouxeram questões apenas sobre aquilo que é aparente no que diz respeito a composição do ambiente, como por exemplo o barulho, o ambiente construído e as pessoas que estão presentes, o que, segundo Meyer (1991) é também a visão de senso comum. Foi elaborada uma aula que teve como preocupação trazer elementos que tornassem possível que os estudantes enxergassem as questões para além do que é tangível. Essas atividades aconteceram em agosto/setembro de 2019, momento em que a floresta Amazônica estava em chamas. As queimadas criminosas na Amazônia estavam no auge, fato noticiado por todas as mídias e até mesmo chamando atenção no cenário internacional, sendo que a problemática muitas vezes era tratada na mídia apenas por aquilo que era aparente: o fogo, e as questões por trás disso eram muitas vezes deixadas de lado nas notícias e discussões.

Então a estagiária sugeriu para a professora supervisora iniciar o contato com os estudantes a partir dessa problemática. Dessa forma, levando em conta a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2008), partiu-se da prática social, primeiro passo da prática pedagógica proposta, que é comum ao professor e ao aluno, uma vez que este assunto estava presente em todas as discussões cotidianas daquele momento.

Para tal, foi utilizado como recurso pedagógico a música “A Saga da Amazônia” de Vital Farias. A música narra sobre a diversidade da Amazônia e como estava sendo prejudicada por diversos motivos. É interessante apontar que a música, por mais que seja antiga, suscita questões pertinentes e atuais no que diz respeito ao contexto do Brasil.

A aula se iniciou com a música e foi possível notar que houve um estranhamento pelo fato de o estilo da música não estar presente no cotidiano dos estudantes. Mas, ainda assim, eles deram uma chance e a escutaram atentamente.

A partir da música, foi perguntado se eles haviam gostado e sobre o que a música falava, iniciando, assim, a problematização, segundo passo da prática pedagógica histórico crítica. Logo de cara uma estudante questionou sobre quando essa música havia sido composta, já que ela tratava das queimadas que estavam acontecendo naquela mesma semana. Neste momento foi possível discutir que a problemática por trás da destruição da Amazônia vem de anos e que agora isso tem se tornado visível na mídia e, portanto, sendo mais divulgado. Aqui, foi perguntado: por que isso tem sido mais noticiado agora? e os estudantes disseram que é porque agora tem afetado mais pessoas. Isso foi confirmado trazendo o exemplo do dia em que o céu de São Paulo ficou preto às 16h da tarde, momento em que os estudantes foram questionados do por que isso teria acontecido. Oras, o fogo assim como todos os elementos que os estudantes trouxeram ao descrever o ambiente escolar, é aparente mas ele por si só não explica o porquê as queimadas estavam acontecendo e o que aquilo acarretaria para a fauna, flora, para as

peessoas que dependem diretamente da floresta, seja como fonte de subsistência ou no que tange a relação íntima que possuem com a natureza e para toda a sociedade que depende dela, ainda que de forma indireta. Essas questões que partiram da prática social mostram que a visão que os alunos possuem é uma visão empírica, de senso comum, um tanto quanto confusa e que, de certa forma, aparece como natural. A partir do momento em que a prática social é colocada em pauta e se parte dela para a construção do conhecimento, é possível vislumbrar o conteúdo em suas diversas dimensões: social, cultural, histórica, política e ambiental (SAVIANI, 2008).

Para que pudessem perceber que aquele evento, o fogo, era determinado por múltiplas variáveis, foi preciso problematizar a visão anterior que tinham e caminhar para próxima etapa da prática pedagógica histórico crítica, a instrumentalização, momento em que o professor apresenta aos estudantes o conhecimento científico, formal e abstrato e, com isso, os estudantes estabelecem uma relação mental com a vivência que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do conteúdo que está sendo discutido. Ou seja, trata-se de se apropriar dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social (SAVIANI, 2008).

Então, discutiu-se sobre como o que acontece na Amazônia pode afetar outros estados e até mesmos outros países. Abordou-se as questões dos rios voadores que são responsáveis pela chuva em outros estados e sobre a riqueza que a floresta amazônica guarda, no que diz respeito à diversidade de fauna e flora, e isso contribui imensamente para os olhares internacionais. Além disso, foi perguntando se a floresta abrigava apenas essas questões que foram abordadas até então.

Aqui, trazendo novamente a música, foi questionado se ela trazia alguma dica do que havia na floresta. Os estudantes perceberam expressões indígenas que há na música e algumas expressões que se remetem a mitos que também estão por lá. Diante disso, discutimos sobre o que aquelas expressões significavam e sobre a grande diversidade de povos tradicionais que habitam a floresta.

Discutiu-se também sobre a questão do sagrado que esses povos estabelecem com a natureza e que, derrubar árvores os prejudica para além das problemáticas ambientais. Diante disso, abordou-se sobre quem são os grileiros e posseiros que aparecem na música, trazendo a ganância humana, fomentada no capitalismo, como grande fator da destruição ambiental. Além disso, foi possível discutir o fato de que desmatar a Amazônia faz com que perdamos diversas espécies de animais e vegetais que ocupam esse local e que, além disso, poderiam ser úteis como remédios que ainda nem foram descobertos. Tais discussões e a integração destes elementos na relação com aquilo que estava apenas aparentemente perceptível no início da aula, o fogo, buscam fomentar uma compreensão mais ampla e crítica da realidade por cada um dos aprendentes, o momento da catarse, que é o ponto culminante do processo educativo, tratando-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social.

De acordo com Saviani (2008), é fundamental que o processo de ensino parta da prática social, se relacione com questões políticas, sociais e culturais e aborde problemas da sociedade, buscando contribuir socialmente e se configurando como uma educação política. Com isso, os estudantes ganham elementos para atuar ativamente na sociedade, pois a partir do momento em que aconteceu a catarse, que o autor entende como sendo a libertação do senso comum,

fazendo uma elaboração mental de tudo o que foi estudado, elabora-se uma nova prática social, última etapa da prática pedagógica histórico-crítica. Nova no sentido de que houve uma transformação do educador e do educando e “neste ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por suposto, já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica” (IDEM, p.58).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escrita, análise e discussão deste trabalho, foi possível perceber a importância do Estágio Supervisionado como meio para os futuros docentes adentrarem as escolas e, juntamente com uma mediação crítica, tornar possível que estes enxerguem a escola para além do que é comumente visto, mas sim como meio de transformação social onde atuarão futuramente como professores e pesquisadores.

Através da pesquisa feita, pode-se perceber que os estudantes possuem uma visão fragmentada do que é o ambiente escolar além de não saber dizer de maneira ampla como o ambiente externo influencia na dinâmica escolar. Ter essa constatação foi importante para percebermos que o que precisamos é construir outra forma de ver a educação ambiental, na qual essa seja entendida como dimensão da educação, que tematiza as relações da humanidade com o ambiente, como ação intencional e necessária. Para tal, é necessário investir de forma crítica na formação inicial de professores como condição básica para a consolidação da Educação Ambiental nas escolas.

Consideramos que o diálogo entre a Educação Ambiental e a Pedagogia Histórico Crítica pode ser muito frutífero para o desenvolvimento de práticas pedagógicas como meio de formação de sujeitos que compreendam e possam intervir na realidade, em busca de um projeto de sociedade mais justo e mais equilibrado.

Dessa forma, evidencia-se a importância dos/das professores/as serem formados em uma concepção mais crítica de educação e de ambiente para que a mesma seja refletida em suas práticas pedagógicas.

6 AGRADECIMENTOS

CAPES, FAPEMIG e UFLA

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCO, Sonia Mari Shima; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, v. 26, n. 1, p. 22-31, 2014.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. 1997. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 16 maio de 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Teoria Social Crítica e Pedagogia Histórico – Crítica: contribuições à educação ambiental. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 33, p. 68-82, 2016.

MARTINS, Lígia Márcia. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 40, p. 283-283, 2012.

MEYER, Monica Ângela de Azevedo. Ecologia faz parte do espaço cotidiano. **Revista AMAE EDUCANDO**, Belo Horizonte, n. 225, março de 1992 (13-20).

MEYER, Monica Ângela de Azevedo. Educação Ambiental: uma proposta pedagógica. **Em Aberto**, Brasília, v. X, n.49, p. 41-46, 1991.

NASCIMENTO JÚNIOR, Antônio Fernandes; DE SOUZA, Daniele Cristina. Fazer artístico na popularização do conhecimento biológico: relatos de experiências I. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 23, 2009.

OLIVEIRA, Jéssica Hiroko de; A prática de estágio como campo de pesquisa: incursões teóricas sobre família, identidades e juventudes a partir dos relatos dos alunos. 2008. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).

OLIVEIRA, Carolina de Souza; SILVA, Thales Vinícius; FESTOZO, Marina Battistetti. Educação Ambiental e Arte: Um diálogo a partir de um minicurso para formação de professores. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 14, p. 45-55, 2018.

PAULA, Augusto Antonio de; QUEIXAS, Ricardo Campos; FESTOZO, Marina Battistetti. Formação de professores pela pesquisa no Estágio Supervisionado: a compreensão do ambiente a partir da alimentação escolar. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 15, p. 108-118, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. **Cadernos de pesquisa**, n. 94, p. 58-73, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista poiesis**, v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005.

SANTANA, Aurelane Alves; LEBRÃO, Jemeffer Souza; NOGUEIRA, Tárliison Renê Porto Nogueira. **A utilização das imagens e fotografias como recursos didáticos para a espacialização dos conteúdos**. In: Semana de Geografia da UESB, 9., 2010, Vitória da Conquista/BA. Anais... Salvador: UESB, 2010, p.1-14.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Autores associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas (SP): Autores Associados, 2005.

SILVA, André Maciel da; PEREIRA, João Henrique de Oliveira; NASCIMENTO JÚNIOR, Antonio Fernandes. O desenvolvimento do projeto terrário na formação inicial de professores de ciências e biologia: considerações sobre a atividade do PIBID. **Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v. 11, p. 68-78, 2015

TEIXEIRA, Lucas André; AGUDO, Marcela de Moraes; TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos **SUSTENTABILIDADE OU -TERRA DE NINGUÉM-? - Formação de professores e educação ambiental**. **Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. 2, p. 43-64, 2017

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos; CAMPOS, Luciana Lunardi. Educação ambiental escolar, formação humana e formação de professores: articulações necessárias. **Educar em Revista (Impresso)**, v. 3, p. 145-162, 2015.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da pesquisa**. 2009.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Natureza, razão e história: contribuições para uma pedagogia da educação ambiental. In: **26 Reunião Anual da ANPEd**, 2003, Poços de Caldas. Anais do 26 Encontro Anual da ANPED, 2003.

TREIN, Eunice Schilling. A educação ambiental crítica: crítica de quê? **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n. 14, 2012.